



CADERNOS BRASILEIROS
DE SAÚDE MENTAL

BRAZILIAN JOURNAL OF MENTAL HEALTH

CADERNO DE ARTE

THE ART JOURNAL



Caminhos para se tecer: palavras, imagens, atos, relações, mundos

Ways to weave: words, images, acts, relationships, worlds

Caminhos para se tecer: palavras, imagens, atos, relações, mundos
Ways to weave: words, images, acts, relationships, worlds

Com o nome simples, Tessituras Dansk, cores são entrelaçadas em mandalas artesanais que remetem ao símbolo "Olho de Deus". Linhas se cruzam, dão formas a um fazer do existir de Aidê Esmeralda Lopes Olivares.

With a simple name, Tessituras Dansk, colors are intertwined in handcrafted mandalas that refer to the "Eye of God" symbol. Lines intersect, giving shapes to Aidê Esmeralda Lopes Olivares' existence.

Figura 1: Sem nome



Fonte: Aidê Esmeralda Lopes Olivares

Figura 2: Sem nome



Fonte: Aidê Esmeralda Lopes Olivares

Figura 3: Sem nome



Fonte: Aidê Esmeralda Lopes Olivares

É a diferença das cores que amplia a multiplicidade de cada um, as palavras dançam na metamorfose do conto de Roberta e tecem o singular da experiência.

It is the difference in colors that amplifies the multiplicity of each one, the words dance in Roberta's tale metamorphosis and weave the experience's singularity.

Figura 4: Borboletar-si

Não era a sensação de um eu, mas pesquisadora e pesquisa em imbricação. (Im)produção, paralisação, esgotamento. O que podia perceber em produção no corpo da pesquisadora? Uma tarefa da escola dos filhos, brincar de fazer quadrilha na varanda de casa, experimentar corpo-palhaça a tanto adormecido, um estado de arte qualquer que fizesse sobreviver e que alimentasse o desejo pela criação de outras existências.

Tudo isso despertou uma nova significação de estar num espaço casulo, sensação de transmutação, de mudança radical de territórios, que descolado de si mesma, passou a reconhecer como sensações corpóreas.

A borboleta, antes lagarta, para existir, permanece encasulada, ensimesmada, para re-nascer borboleta, em uma forma ampliada, majestosa, modificada, transformada.

Na IMERSÃO do casulo,

a IMENSIDÃO do ser

em CONEXÃO

em desCONSTRUÇÃO

em RUPTURA com o corpo habitado e habituado do antes, do devir lagarta

redimensiono a BUSCA

ME lanço ao ENCONTRO

ME permito SENTIR e fazer PULSAR meu corpo,

CORPOREANDO as intenções, as insatisfações, as dores, as “rigidezes”, as criações,

BORBOLETEANDO um devir potência de viver e existir, uma nova criação de mim e da pesquisa, corpo-em-arte de MULHER MÃE ATRIZ psicóloga.

“Borboletar-SI”: palavra, verbo, ação, inventada.
Palavra escrita não com Se, mas com Si para traduzir a
dimensão do si mesmo, singularidade que traduz a
diferença.

Fonte: Roberta Bentes Flores Bayma

E o jardim torna-se caminho para a renovada criatura que a si experimenta, e é no encontro com o diverso deste lugar que expande a si e ao outro, imprimem a ampliação de um mundo.

And the garden becomes a path for the renewed creature that experiences itself, and it is in this encounter with this place's diversity that it expands itself and the other, they imprint a world's expansion.

Figura 5: Sem nome



Fonte: Anderson Lopes dos Santos

Figura 6: Sem nome



Fonte: Anderson Lopes dos Santos

Figura 7: Sem nome



Fonte: Anderson Lopes dos Santos

Sou louco sim

Sou louco sim.....
Mas não preciso de prisão,
Não necessito de internação,
Muito menos de dopação.
O que eu preciso mesmo é de medicação,
acompanhamento e compreensão.

Eu preciso mesmo é de atenção para
não seguir na contramão da decepção, da depressão.
O que mesmo preciso é de amor e de orientação,
o que também preciso é seguir um caminho
que não me leve a auto destruição.

Estenda a tua mão a este irmão que te dará
a sua eterna gratidão!
Vamos todos de mãos dadas repartir o nosso pão,
e juntos, com o apoio familiar e profissional –
não retornar na contra mão!
Criar e ter expressão artística e cultural
Como formas de libertação!.

Inez Virley Rocha de França

Os contribuidores e as agências de fomento que facilitam esse processo são: Centro de Convivência e Cultura de Natal / Rede Psicossocial do Município de Natal, RN - Movimento Antimanicomial.

Contributors and funding agencies that facilitate this process are: Centro de Convivência e Cultura de Natal / Rede Psicossocial do Município de Natal, RN - Movimento Antimanicomial.

O que os olhos captam durante o trajeto, as cores que guardam dos seres e objetos, os detalhes que destacam, os sentidos e as belezas que criam do que vivenciam? Como é olhar o que outros olhos captam admirando nosso próprio estranhamento?

What do the eyes capture during the journey, the colors that they keep of beings and objects, the details that stand out, the senses and beauties that they create from what they experience? What is it like to look at what other eyes catch admiring our own strangeness?

Figura 8: Sem nome



Fonte: Rosiane Oliveira

Figura 9: Sem nome



Fonte: Rosiane Oliveira

Figura 10: Sem nome



Fonte: Rosiane Oliveira

O incalculável

Ana Clara entra em seu escritório, como em todas as manhãs há 3 anos e espera o chefe entregar-lhe as pilhas de relatórios que precisa revisar e deixar pronto para próxima reunião com a equipe da Indonésia. Quase sem perceber, um calafrio passou-lhe pela espinha. Deixa os pensamentos do trabalho tomarem conta de si e esquece o que o corpo parece buscar.

Perto da hora do almoço, um leve enjoo ameaça, mas ela segue firme para terminar o que lhe foi pedido com tanta urgência.

Como mora relativamente próximo ao trabalho, na hora do almoço, volta para casa para dar comida ao gato, um beijo no marido e ver como vai a mãe que mora vizinha a sua casa, dividindo terreno com ela. Seus dias, quase sempre iguais, fizeram com que deixasse de olhar para si mesma. Quase não consegue parar em frente ao espelho, decepcionando-se com sua aparência física. Não gosta do que vê, então não olha.

Percebe alguns sinais que o corpo continua mandando, mas os mantém escondidos. Chegando em casa, o marido não está, sente um alívio, por ter um tempo só para si, mesmo que curto, mas rapidamente se arrepende do pensamento, sentindo-se culpada. Pega o prato de comida e senta-se em frente a televisão. Há três meses os jornais vêm noticiando sobre um novo vírus que começou na China, Covid-19, a pouco tempo também atingiu gravemente a Itália. Mas ela não dá muita atenção, afinal é muito longe do Brasil, não parece nada muito grave. Se compadece do que parece ser uma tragédia e termina o almoço.

Sente-se mais sonolenta. Atribui a preguiça ao excesso de trabalho, ao pós almoço e volta a incumbência de uma nova pilha de documentos que a espera.

O chefe parece arredio, mais nervoso. Com as transações da empresa feitas com a China suspensas, devido ao vírus que ela vê na TV quase que diariamente, o chefe solta insultos gratuitamente durante boa parte do expediente. Ana Clara tem saído muito de seu posto nos últimos dias para frequentar o banheiro, sua bexiga parece que vai estourar e não consegue mais se controlar como fazia antes, cede ao chamado da natureza com frequência muito maior do que gostaria, e da que o chefe compreende. Leva uma chamada de atenção e volta para casa chateada.

Na saída do trabalho, passa pelo posto de saúde do bairro, para buscar as medicações da mãe, frequenta a unidade há pouco menos de 5 anos, pois mudou-se de Estado, quando o marido foi transferido de empresa. Conhece a rotina do lugar e percebe que algumas coisas parecem estar alteradas. As cadeiras nas salas de espera parecem estar mais distantes umas das outras, alguns cartazes diferentes parecem compor o quadro de avisos e alertas. Com a pressa de chegar ao lar e tomar um banho, deixa essas informações de lado rapidamente, pega os remédios na farmácia e volta para casa.

A casa da mãe está escura e quieta, ela estranha e entra devagar. A mãe sentada perto de uma santa, com o terço nas mãos trêmulas parecia rezar, não a ouviu chegando. No auge de seus 74 anos tem dificuldades de locomoção e audição, e quando percebe a presença da filha abre um sorriso e tenta se levantar. Ana Clara conversa um pouco com a mãe, a orienta quanto às medicações e vai para casa. Sente muita fome, apesar do leve enjoo que ainda a segue.

Resolve ler um pouco antes de dormir, distração que lhe traz muito prazer mas que pouco faz, sempre pensando no dia seguinte, nas atribuições do trabalho, na mãe, na falta que sente de fazer atividade física, nos cuidados com o marido e da casa. Adormece ainda com o livro nas mãos, acordando na madrugada para mais uma vez ir ao banheiro. Só nesse momento, nota que seu ciclo menstrual está atrasado e começa a pensar se pode estar grávida. Volta a cama, ao sono, mas com a ideia de um filho tomando conta da mente.

6:45

O despertador tocava com um som incomum. Ana Clara sente as mamas doloridas ao se apoiar na cama para levantar, e lembra-se do possível bebê fazendo uma nota mental para na volta do trabalho passar no Centro de Saúde buscando auxílio. Beija o rosto do marido e parte para sua rotina costumeira.

Mas a rotina não foi igual nesse dia, o ônibus lotado que parava em frente a sua casa todas as manhãs estava quebrado na esquina e todos os passageiros estavam do lado de fora ansiosos, percebendo que iriam se atrasar para o trabalho. Ela apressou o passo para não se atrasar para o seu, apesar de chegar mais cedo todas as manhãs. No caminho notou algumas pessoas usando máscara cirúrgica no rosto. Apesar do estranhamento, logo achou que eram residentes médicos mudando de plantão.

Um chuvisco muito leve começou a cair quando ela entrou no escritório. Ali algo ainda mais incomum acontecia, alguns colegas antigos do trabalho pareciam recolher suas coisas das mesas. Não tinha muita intimidade com nenhum deles para perguntar o que acontecia e foi seguindo para a sala do chefe.

Notou que sua pilha de documentos parecia ainda maior que as dos dias anteriores. O chefe ao telefone, fez sinal para que esperasse. Explica-lhe, ao final da ligação, que alguns funcionários foram demitidos, que seu trabalho teria algumas aplicabilidades maiores que as usuais e que ela teria seu horário de trabalho estendido. Surpreendeu-se ao não receber nenhuma posição sobre um aumento de salário em detrimento ao comunicado e seguiu a revisão da pilha de documentos, vendo os colegas levarem as caixas para fora do escritório.

Ana Clara passa na Farmácia no caminho entre a casa e o trabalho e compra um teste rápido de gravidez. O Centro de Saúde já havia fechado quando saiu do trabalho, não conseguiu fazer o programado.

Exausta deixa o teste para ser feito no final de semana.

Grávida!

Alegra-se pela chegada de uma criança sonhada por ela desde a infância, não conta ao marido imediatamente, quer fazer uma surpresa, seu aniversário se aproxima, começa a pensar em como contar-lhe de uma maneira diferente. Sente a ansiedade brotar no peito. Começa a pensar em nomes, cor das paredes do quarto, um ursinho de pelúcia.

O chefe exige que todos comecem a usar máscara no trabalho, o coronavírus chegou ao Brasil, ninguém sabe ainda o que precisa ser feito. Não consegue encontrar máscaras nas farmácias. Dos três estabelecimentos que tentou, todos já tinham se esgotado.

Os enjoos começam a ser mais intensos, não tem conseguido evitar vomitar no trabalho. Tenta ser discreta, mas já desperta olhares. O ofício vai se acumulando, recebe cada dia mais trabalho, e vê nova leva de colegas indo embora com caixas nas mãos. O chefe pede que todos façam seu trabalho home office naquele mês.

Maio

A rotina não tem sido muito agradável, o marido não reagiu à notícia da gravidez como ela esperava, parecia distante e irritadiço, ambos trabalhando em casa também estava sendo desgastante. O medo, agora constante de contaminação deixava o estresse à flor da pele, a ansiedade de contaminar a mãe afastou a presença diária, sendo possível apenas pela soleira da porta na entrega dos alimentos que ela fazia para sua casa e para casa da mãe agora. A casa precisava ser mais limpa, o enxoval do bebê não tinha como ser comprado nas lojas fechadas pelo coronavírus, começaram a ser tecidos e tricotados. Assim como as máscaras que tenta fazer para vender depois que seu salário foi reduzido.

Um sangramento muito intenso a acorda durante a tarde em que muito cansada pela faxina, tinha conseguido deitar. Não sabe se deve ir ao hospital, tem medo de ser contaminada, o marido se assusta com a quantidade de sangue e liga para a ambulância quando percebe Ana Clara desmaiando em seus braços.

O bebê não resiste. Ela não consegue mais aguentar, se descontrola, grita e chora, o marido ao seu lado se desespera e também chora.

Os dias vão se arrastando, não tem mais ânimo para o trabalho, pouco consegue produzir.

- Alô?

- Boa tarde, é a Ana Clara?

- Sim. Quem é?

- Meu nome é Lis, sou enfermeira no Centro de Saúde, nós estamos fazendo ligações para pessoas que fazem uso de medicações. Nós sabemos que durante esse momento de isolamento social muitos sentimentos podem surgir, e as vezes é difícil lidar sozinho com eles. Estamos tentando ajudar as pessoas que gostariam de uma escuta. Eu gostaríamos de saber como a senhora está se sentindo?

Ana Clara começa a chorar e não consegue falar, pede desculpas com a voz embargada. Tenta se acalmar levantando com o celular na mão e buscando um copo de água. Percebe a paciência da pessoa que fala com ela ao telefone. Um sentimento de acolhida toma conta de si e ela se tranquiliza para voltar a ligação.

- Nós chegamos até a senhora por uma listagem que fizemos através do sistema de retirada de medicações da Farmácia. Mas estou percebendo que a senhora está bastante sensibilizada. Estamos fazendo atendimentos presenciais de forma mais limitada nesse momento, por conta da pandemia, mas se a senhora se sentir à vontade podemos conversar pessoalmente aqui na unidade?

- Ah sim, seria muito bom. Acredito que estou precisando muito agora. - Compreendo, então estou agendando aqui comigo amanhã às 8h45. Tudo bem se a Psicóloga também participar com a gente da conversa?

- Sem problemas.

- Obrigada!

- Muito Obrigada a vocês.

Sem conseguir medir o nível de surpresa que aquela ligação tinha lhe acometido, Ana Clara segue até o banheiro e solta no vaso sanitário a dezena de remédios que tinha nas mãos e que quase levava a boca pouco antes do telefone tocar.

Poucas eram as lembranças em sua vida de momentos onde sentiu-se acolhida, e aquele ficaria para sempre como um deles. A dupla que lhe recebeu na unidade, explica-lhe que vinham realizando um trabalho multidisciplinar, discutindo cada caso com o médico de família de sua equipe, pensando em seu cuidado e formas alternativas de tratamento que não apenas a medicamentosa. Estavam buscando conhecer melhor os pacientes, o que precisavam, qual o papel das medicações na vida das pessoas, como utilizavam as medicações, o que poderia ser olhado de outro modo. Alongamento, Reike, Acupuntura e outras práticas Integrativas, poderiam ser adotadas em seu cuidado, mesmo durante o momento da pandemia. Ela também poderia ter o acompanhamento do Psicólogo por telefone e sempre que sentisse a necessidade poderia entrar em contato com a unidade de saúde através de um e-mail, podendo sanar suas dúvidas e angústias. Seria acompanhada pelo médico da sua equipe.

Ana Clara saiu da unidade, conseguindo fazer conexões, pela primeira vez em anos parou em frente ao espelho da loja de conveniências ao lado do Centro de Saúde e abriu os olhos.

Lilian Thiago Montanha

Lilian é uma profissional de saúde que transforma a prática da unidade de saúde em que trabalha em conto. Uma prática, iniciada por conta da pandemia do coronavírus, para além da perspectiva medicamentosa que transforma as políticas de saúde mental a partir do seu movimento de sensibilização.

Lilian is a health professional who transforms the practice of the health unit where she works into a story. A practice, which started because of the coronavirus pandemic, that goes beyond the medication perspective which transforms mental health policies through its awareness movement.

Ritornelo da UTI

07:00 horas da manhã, inicia mais um plantão

Inspira e espira

De longe se ouve os sons da UTI. Pi, pi, pi, pi... Monitores, ventiladores mecânicos, bombas de infusão.

Põe o gorro, pró-pé e óculos de proteção, companheiros até o final do plantão
Já paramentado, pronto para encontrar com aqueles que nos aguardam para mais uma dose de cuidado, atenção.

Recebe o bastão do colega que exausto não vê a hora de chegar em seu lar
Caminhando corredor a fora, com a prancheta e fichas de controles dos dez pacientes que por minhas mãos passarão.

Hora de sentar e um a um, olhar as gasometrias, radiografias e tomografias

Acidose respiratória

Alcalose respiratória

hipóxia

hiperóxia

hipercapnia

Pulmão congesto, presença de líquido, tubo seletivo, tubo quase fora

E assim vamos planejando como será o plantão

Pronação e desprona de um, de dois, de três pacientes

São dezesseis a vinte horas de prostração ao leito, como alternativa para melhorar a ventilação daquele pulmão.

Inspira e expira

Verifica as drogas em curso

Midazolam, fentanil, propofol, rocurônio, cisatracúrio, dobutamina, noradrenalina, tridil, vasopressina, nifedipina...

Paciente pronado, sedado, curalizado, com hipoexpansibilidade e hipomobibilidade. Em uso de bloqueador neuromuscular e drogas vasoativas.

TOT acoplado à VM modo A/C-VCV, FiO₂ 100%, PEEP 14, FR 26, VC_{pg} 450 VCr 458, SpO₂ 96%. Ausculta pulmonar com murmúrios vesiculares diminuído em ambos hemitorax sem ruídos adventícios.

Inspira e expira

Monitorização e ajuste ventilatório, monitoramento da pressão de cuff, mobilização patelar, mobilização passiva de MMSS e MMII, exercícios metabólicos em extremidades, manobras respiratórias, aspiração de TOT e vias aéreas superiores, reposicionamento no leito.

Inspira e expira

E assim vou seguindo, na luta para a manutenção dos ritornelos nas partituras das vidas que por aqui passam.

José Alexsandro de Araújo Nascimento

Como é olhar algo a partir dos olhos do outro? Qual o estranhamento?
What is it like to look at something through someone else's eyes? What is the strangeness?